

A Ternura: o grande projeto revolucionário

The Tenderness: the great revolutionary project

Recebido: 15/08/2019 | Aceito: 15/11/2019

Luis Fretto¹
Waldir Souza²

Resumo: Vive-se numa época em que a humanidade está habituada as notícias cruéis e desumanas, na qual prevalece a produção e o comércio de armas, gerando vários tipos de violências. Enfim, tornou-se um lugar onde impera a lei do mais forte, a barbárie, uma lei que distribui inumanidade, adequada ao molde dos egoísmos particulares. Em múltiplas faces ideológicas que prometem soluções rápidas, a violência se torna explícita numa sociedade frágil e totalmente vulnerável. Porém, se existe na sociedade o lado assustador da violência, também aparece a profunda solidariedade e cooperação que são continuamente destacadas no convívio social. Este artigo apresenta um elemento próprio ao ser humano, a ternura, que, a partir de sua conscientização, apresenta-se como solução harmoniosa e afetiva nas diferentes divergências referentes ao âmbito da convivência humana. Nessa perspectiva, propõe-se um projeto revolucionário, “que possa colocar as pessoas de novo no centro”, renovando a esperança de um futuro feliz, fruto da amabilidade, gentileza e civilidade. O objetivo deste artigo é expressar com clareza a relevância da “ternura” como elemento primordial de justiça, que sabe distinguir o bem do mal e que nos impulsiona, por meio da solidariedade, ao resgate da dignidade do outro atingido pela fragilidade humana. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa bibliográfica. Analisou-se o sentimento da ternura a partir de um estudo antropológico, cujos conteúdos, somados a experiência da fé, lançam luzes sobre o valor teológico. Espera-se que a sociedade do terceiro milênio evidencie, no lugar de uma cultura da violência alimentada pelo egoísmo e a morte, uma cultura da ternura, de amor e de vida. Somente assim, sob a condição do reencontro com o sentido da ternura, poder-se-á inverter o triunfalismo das ideologias, do iluminismo, pelo sentido da hospitalidade, da valorização, da diferença, do respeito amoroso da natureza e do ambiente.

Palavras-chave: Violência; Barbárie; Ternura; Revolução; Ideologias.

Abstract: We live in a time when humanity is accustomed to the cruel and inhuman news, in which the production and trade of weapons prevail, generating various types of violence. Finally, it has become a place where the law of the strongest rules barbarism, a law that

1 Mestrando em teologia (PUCPR, 2017...). Especialista em Ensino de Filosofia e Sociologia (FACEL, 2013). Graduado em Teologia (PUCPR, 2017). Licenciado em Filosofia (CLARETIANO, 2012). Bolsista CAPES. E-mail: luisfrettomassoterapia@yahoo.com.br.

2 Doutor em Teologia. Docente nos Programas de Pós-Graduação em Teologia e Bioética da PUCPR. Líder do Grupo de Pesquisa Bioética, Humanização e Cuidados em Saúde (BIOHCS) PUCPR/CNPq. Membro da Sociedade Brasileira de Bioética (SBB). Membro da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER). E-mail: waldir.souza@pucpr.br.

distributes inhumanity, suited to the mold of particular selfishness. Violence becomes explicit in a fragile and totally vulnerable society through multiple ideological faces that promise quick solutions. However, if there is a frightening side to violence in society, there is also the profound solidarity and cooperation that are continually highlighted in social life. This article presents an element proper to the human being, tenderness, which from his awareness is presented as a harmonious and affective solution in the different divergences regarding the scope of human coexistence. In this perspective, they propose a revolutionary project, “that can put people back at the center”, renewing the hope of a happy future, the result of kindness, kindness and civility. The aim of this article is to clearly express the relevance of “tenderness” as a primordial element of justice, which knows how to distinguish good from evil, which drives us through solidarity with the rescue of the dignity of others, affected by human fragility. The methodology used was the qualitative bibliographic research. The feeling of tenderness was analyzed from an anthropological study, whose contents added to the experience of faith shed light on the theological value. The society of the third millennium is expected to show, in place of a culture of violence fueled by selfishness and death, a culture of tenderness offered to the whole society, of love and life. Only in this way, in the sense of the reunion with the sense of tenderness, can the triumphalism of ideologies, of enlightenment be reversed, by the sense of hospitality, the appreciation of difference, the loving respect for nature and the environment. The methodology used was the qualitative bibliographic research. The feeling of tenderness was analyzed from an anthropological study, whose contents added to the experience of faith shed light on the theological value. The society of the third millennium is expected to show, in place of a culture of violence fueled by selfishness and death, a culture of tenderness offered to the whole society, of love and life. Only in this way, in the sense of the reunion with the sense of tenderness, can the triumphalism of ideologies, of enlightenment be reversed, by the sense of hospitality, the appreciation of difference, the loving respect for nature and the environment.

Keywords: Violence; Barbarism; Tenderness; Revolution; Ideologies.

1. Introdução

Na atualidade, a violência mostra-se a partir de muitas faces, porém, o traço mais marcante é a brutal desigualdade e divisão dentro da sociedade. Contudo, o que é a violência, qual seu conceito e significado? É relevante compreender a violência, percebendo-a nos seus distintos sentidos, como sendo uma força que se manifesta em elementos substanciais à natureza (o mar, o vento, etc.). Pode acontecer também quando o próprio ser humano, por meio da força física, social, moral, intelectual e espiritual, pressiona seus semelhantes, oprimindo-os e explorando-os. Esse ato violento, muitas vezes, pode ser traduzido culturalmente como um comportamento normal em algumas organizações sociais. A violência se apresenta, desse modo, como um fato sociológico³, além de também ser considerada como fato histórico⁴.

3 “O fato social é reconhecível pelo poder de coerção externa que exerce ou é suscetível de exercer sobre os indivíduos; e a presença deste poder é reconhecível, por sua vez, seja pela resistência de alguma seção determinada, seja pela resistência que o fato opõe a qualquer empreendimento individual que tenda violentá-lo” (DURKHEIM, 1966, p. 9).

4 Fatos históricos são entendidos como acontecimentos que marcaram e mudaram a história da humanidade (PROST, 2012).

Alguns autores já cogitaram relacionar a violência do ser humano como sendo tão antiga quanto os registros históricos da humanidade. Criou-se uma identificação entre a aparição do ser humano e as tendências homicidas como de caráter instintivo; logo, esse comportamento não requereria aprendizagem. Contudo, não está provado que as peculiaridades da espécie humana tenham emergido em relação à agressividade. Por meio de estudos sobre a evolução, concluiu-se que, naturalmente, a maior aptidão do ser humano na sobrevivência não foi o ser agressivo e forte, mas, sim, ser capaz de entender e assumir com responsabilidade sua própria realidade. Ou seja, “aquele cujo cérebro teve a capacidade de incorporar em suas estruturas elementares formas mais ajustadas às realidades exteriores” (ROF, 1975, p. 138). Desse modo, não são a força e a violência os determinantes de “melhoras”, mas a aprimorada capacidade humana que compreende a realidade e a transforma, sendo fatores-chaves, para essa realização, a inteligência e a liberdade. Explicado de outra forma: na vida e na sobrevivência, o ser humano não nasce da agressividade, ou melhor, não nasce só da agressividade, mas fundamentalmente da ternura (ROF, 1975, p. 139).

Dentro do aspecto antropológico, a “ternura” também é compreendida como uma necessidade básica, que atinge a todas as dimensões humanas, principalmente aquelas que contribuem para a construção da pessoa, tanto na esfera individual, como na social. A respeito disso, Rocchetta (2006, p. 30), no primeiro capítulo do livro *Antropologia da ternura*, alimenta o conceito de ternura a partir de bases antropológicas, aplicando a essa os conceitos de permeabilidade, flexibilidade, disponibilidade à mudança e abertura de coração, que vão tecendo, em formas afetuosas, o rosto da ternura na pessoa, pautada pela benevolência e afabilidade.

Perante uma situação mundial de violência e de destruição, segundo Gayol (2006, p. 14), “a ternura se apresenta como agente de mudança, uma força equilibradora, uma linguagem que possibilita abrir o espírito humano a uma nova forma de relação consigo, com os outros, com o mundo, num contexto de integração e inclusão de todo o criado”. Esse sentimento de amplo valor divino e humano, que habita cada pessoa, possui um efeito transformador e renovador que abre espaço, permitindo abertura total para a divinização do humano.

Na passagem de uma compreensão antropológica para a teológica, a ternura é descrita como “compaixão”, que se sensibiliza com todos aqueles que participam da sua vivência. O que se percebe, na história, é um Deus Trindade, que se esvazia de si mesmo e se curva para o povo, para sentir sua necessidade, colocando-se a caminho com ele. Revela-se toda ternura na participação do Verbo, invisivelmente aparece como Pai Amoroso (ROCCHETTA, 2006, p. 151-154).

Em vista disso, considera-se a “ternura” como o grande projeto que se apresenta enquanto resposta ante uma cultura da violência, que, como teia brutal e assustadora, vai velando a beleza e dignidade do ser humano. A meiguice expressada pela ação comunicativa da ternura é facilmente compreendida por todos, pois evidencia uma linguagem de total sensibilidade e humanidade, elementos primordiais que restauram a estrutura humana, muitas vezes, quebrada pela práxis violenta do ódio e do egoísmo. Assim, com a coragem de Davi, a ternura se apresenta ante um Golias cujo poder está descrito na força poderosa de ideologias ilusionistas, que acabam sendo derrubadas pela

ignorância dos próprios valores que toda pessoa possui, especialmente sua dignidade de ser e se expressar com total liberdade e dignidade.

A menção do sentimento da ternura como elemento de justiça para um grande projeto revolucionário é uma resposta ao grau de barbárie que a humanidade vivencia na nossa atualidade. Isso porque é constatado que o estado de violência e egoísmo pode se medir pelo grão de sensibilidade que os seres humanos têm ante a dor do Outro. A própria realidade vivida pelo sujeito nessas circunstâncias transforma-se em um grande projeto ambicioso, colocando em risco o não acabamento da concepção de ser humano. Para Forte (2003, p. 135), “a ambição de totalidade torna-se totalitarismo. A violência lhe pertence constitutivamente: onde se tira a diferença, o poder da identidade é absoluto e brutal”. Portanto, a memória da transcendência vai se transformando numa crítica permanente ante toda alienação, significando uma salutar diferença entendida entre os seres humanos, a partir do advento e no acolhimento ao Outro.

Aos participantes de uma edição do TED Talks – um fórum de ideias que reúne pessoas de diferentes áreas, como da cultura, economia e ciência –, o Papa Francisco apontou em sua mensagem, cujo título foi “Tu és o futuro” (“He future you”), que a solidariedade está em linha direta com a ternura. Nessa mensagem, o Papa deixou claro que a solidariedade nasce do interior de cada um de nós, do coração, expressando-se pelo amor de forma livre e consciente como dom ao serviço do bem aos outros (EDUCRIS, 2017).

2. As diferentes fases da violência

Visualiza-se hoje uma sociedade caracterizada pela sua pluralidade, na qual coexiste diversidade de universos e mundos culturais, que vão se estruturando pelas leis que cada um escolheu, tendo, como princípio social, a lógica dos seus próprios interesses. São sistemas culturais que se repartem nas diversas organizações existentes na sociedade humana e podem ser identificados dentro dos parâmetros da comunicação, da política, das profissões, do trabalho, da religião e do cuidado ecológico na sustentabilidade do planeta, sempre buscando a centralidade de si mesmo e, não, de todos os que habitam o mundo.

O que podemos “observar em nossos dias é um direcionamento das faculdades mentais das pessoas para o materialismo, para o consumo, para o imediato, para o concreto, para o hedonismo, para a solidão, para o narcisismo” (PINTO, 2004, p. 159).

Konrad (1988), no livro *Os oito pecados mortais do homem civilizado*, presume que as perspectivas para o futuro da humanidade são excessivamente obscuras. É uma civilização que se encontra ameaçada por inúmeros conflitos, entre eles, a destruição do meio ambiente. O autor menciona esse evento ecológico confrontando-o com a decadência da cultura, fator que atinge cruelmente o interior do ser humano, refletindo em sua ética e estética.

Só de pensar que a falta de comprometimento ético é tida como causa principal do desequilíbrio social, isso torna-se alarmante e assustador para o processo histórico de vida contemporânea. O desenvolvimento científico e técnico abriu espaço para a uniformidade do ser humano. Essa é uma realidade marcada por diferentes eventos

como a violência, a corrupção em todos os sentidos e dimensões sociais e outras inumeráveis causas que determinam o poder e controle do ser humano sobre si mesmo.

As formas luxuosas de vida que são resultado do infernal círculo vicioso instaurado pelos aumentos da produção e da necessidade levarão, mais cedo ou mais tarde, os países ocidentais à decadência, especialmente os EUA. Sua população não suportará a concorrência com os habitantes dos países orientais, menos mimados e mais sadios. É extremamente cega a atuação dos dirigentes capitalistas, que recompensam o consumidor através da elevação de seu “padrão de vida”, estimulando-o a continuar nesta desenfreada competição com o próximo, à custa de um esgotamento nervoso e de uma hipertensão crescentes (KONRAD, 1988, p. 39).

Destarte, percebe-se uma contemporaneidade governada por uma civilização individualista e egoísta, que busca, no disfarce humanitário, agradar o desejo de poucos em troca de lesar a natureza viva, um mergulho a cegas que pode causar a ruína do meio ambiente. É constatado pelo sistema científico que o problema ecológico não só é uma questão econômica, que pode alterar o fator existencial de sustentabilidade humana, mas pode levar, pela alienação da insensibilidade humana, a um embrutecimento estético e ético da humanidade civilizada.

A ecologia do homem se modifica muito mais rapidamente do eu a de todos os demais seres vivos. Devido ao ritmo que lhe é imposto pelo progresso da tecnologia, o eu se acelera de modo constante e em proporção geométrica. Dessa forma, o homem é impelido a causar modificações profundas, e muito frequentemente o total colapso das biocenoses nas quais e das quais vive. Somente poucas tribos “selvagens” fazem uma exceção a isso, como, por exemplo, certos índios das florestas virgens da América do Sul, que vivem da coleta e da caça, ou os moradores de certas ilhas oceânicas, que praticam um pouco de agricultura e vivem essencialmente de cocos e animais marinhos. Tais culturas não influem no seu biótopo de modo diverso ao das populações de uma espécie animal. Esta é, teoricamente, uma possível maneira pela qual o homem pode viver em equilíbrio com seu biótopo; outra forma seria a criação, como agricultor e criador de gado, de uma biocenose inteiramente nova, completamente sob medida para suas necessidades, que, em princípio, seria tão capaz de perdurar como outra nascida sem sua contribuição (KONRAD, 1988, p. 26-27).

É indubitável a total correspondência entre a pessoa e a natureza, pois uma está condicionada a outra. Em razão disso, nota-se que, na atualidade, há uma perda expressiva do encantamento ante as inúmeras maravilhas, tanto do cosmos como da própria criação, cegada muitas vezes pelo excessivo uso da materialidade em que se encontra comprometida a subjetividade da pessoa. Desperdiça-se, desse modo, a oportunidade em contemplar a beleza que existe na diversidade e multiplicidade dos seres que habitam o planeta. Obviamente, deduz-se que a gratidão que emana do “ser ternura com todas as coisas” não pode brotar por falta de consciência do encantamento.

Desse modo, ficam evidentes os “porquês” da existência da violência no nosso meio, brotada de uma ideologia fantasiosa que se afirma na imortalidade do homem.

A brutalidade que sai do interior do ser humano denuncia a carência de ternura e transcendência, que traz, como consequência do seu pendor, o desinteresse pela verdade e pelo belo, refletindo de forma cruel na sua relação com a natureza. A cegueira não é dos olhos, pois a insensibilidade materializada pelo exagero e mal-uso da natureza velou a percepção da verdadeira alegria. Há um gozo que provém do equilíbrio interior e do coração do ser humano, revelado a partir da contemplação das diversas maravilhas que o rodeiam constantemente. Para Lévinas (1980, p. 131):

A felicidade é um princípio de individuação, mas a individuação em si só se concebe a partir do interior, pela interioridade. Na felicidade da fruição, joga-se a individuação, a auto personificação, a substancialização e a independência de si próprio, esquecimento das profundidades infinitas do passado e do instinto que as resume. A fruição é a própria produção de um ser que nasce, que rompe a eternidade tranquila da sua existência seminal ou uterina, para se encerrar numa pessoa, que, vivendo do mundo, vive em sua casa.

Num outro viés sobre as faces da violência, destaca-se a negação do outro. Rocchetta (2006, p. 75) aponta essa atitude anti-humano como um dos problemas mais graves da modernidade e da pós-modernidade.

E, no entanto, outrem não nega pura e simplesmente o Eu; a negação total, da qual o assassinio é a tentativa e a tentativa, remete para uma relação prévia. A relação entre outrem e eu que brilha na sua expressão não desemboca nem no número nem no conceito. Outrem permanece infinitamente transcendente, infinitamente estranho, mas o seu rosto, onde se dá a sua epifania e que apela para mim, rompe com o mundo que nos pode ser comum e cujas virtualidades se inscrevem na nossa natureza e que desenvolvemos também na nossa existência (LÉVINAS, 1980, p. 173).

O esquecimento “do Outro” como sagrado também pode ser explicado pelo forte esvaziamento das áreas que antes eram eixos religiosos e que ocupavam a dimensão humana na espiritualidade, percebendo-se um forte esfriamento da fé por meio da irreflexão dos seus símbolos, da instituição, etc. Essa experiência contemporânea na área religiosa é conhecida por secularização.

Este artigo examina, a partir da teologia da ternura de Carlo Rocchetta (2006), o dizer do Papa Francisco sobre a “Revolução da ternura” (EDUCRIS, 2017), uma ideia de resgate da dignidade da pessoa por meio da ação reparadora da opressão e da injustiça que sofre o pequeno, um sonho de Deus que reúne a todos sem nenhuma exclusão. Para isso acontecer, é necessário escutar o Outro, ir ao seu encontro, pois vivemos num mundo cujo sentido de ser é expresso por meio da relações. Somos comunidades de pessoas, não de “coisas” que podem ser jogadas nas sarjetas da vida. Precisamos uns dos outros para nos perdoar, nos curar, para nos fortalecer e, assim, descobrir que é possível, pela ternura, uma nova forma de ser civilização do amor.

Por isso, torna-se importante entender como um simples sentimento da ternura, que está inscrito no coração de cada ser humano, pode ser o elemento revolucionário de transformação da humanidade. Ser um sentimento “simples” não é sinal de “fraco”. Ao contrário, a ternura é a linguagem dos fortes, leva o amor a todos, principalmente aos pequenos, aos pobres, àqueles que, de algum modo, são excluídos de sua dignidade. Na terceira parte deste artigo, poderemos conhecer, de forma mais abrangente, o significado do sentimento de ternura.

3. Antropologia do sentimento da ternura

Busato (2014, p. 43) indica que “cresce, nos meios acadêmicos uma nova visão do ser humano, mais científica e mais integrada, que nos diversos dualismos anteriores”. O mesmo autor declara que “recentes descobertas da neurologia tem aberto as portas para a investigação de um campo quase inexplorado pela ciência, o das relações entre razão e sentimento, emoções e comportamento social, conhecimento e emoções, consciência e sabedoria” (ibid., p. 43). Em vista disso, além de considerar que certas funções são determinadas pelos sentimentos e servem para nos vincular com o objeto, permitindo sua valorização, o ser humano poderá organizar-se em função da descoberta de sua própria identidade real.

A relação com a ética passa naturalmente quando o sentimento se coloca em relação com o objeto e o avalia por meio de valores afetivos, determinados por categorias contraditórias, ou seja, por meio de opostos: prazer-dor, alegria-tristeza, esperança-desejo. Também há um cuidado fundamental quando se fala dos “aspectos emocionais da aprendizagem, posto que as emoções são inseparáveis de nossa ideia de recompensa ou punição, prazer ou dor, aproximação ou afastamento, vantagem ou desvantagem pessoal e do bem ou do mal” (DAMÁSIO, 2000, p. 80). Assim, a questão da ternura se apresenta, para Damásio (2000), como um dos maiores desafios no quesito educação na nossa cultura contemporânea, pois, para que a educação seja uma resposta ao desenvolvimento do ser humano, na sua total integração, o sentimento da ternura é a possibilidade de ser o novo paradigma que supera, em eficiência, o atual, ainda cartesiano (ROGERS, 1983, p. 66).

Em busca de um maior esclarecimento sobre a categoria “sentimento”, serão apresentados conceitos científicos de diferentes autores que estudam o comportamento do ser humano na sua integralidade.

Para Lalande (1999, p. 1005), “Sentimento: 1º da ação de sentir; 2º do estado psicológico que é sentido, em quase todos os sentidos desta palavra. Particularmente: estado afetivo, ou tendência afetiva em geral, por oposição ao conhecimento”. Esse mesmo autor também diz que o “sentimento por si próprio é uma fonte de emoções, não de conhecimento; a única faculdade do conhecer é a razão” (ibid., p. 1005).

Já para Galimberti (2010, p. 994), o sentimento explicado pelo viés fenomenológico nos faz lembrar o motivo pascalino segundo o qual “o coração tem razões que a razão desconhece”. Percebe-se que existe um elo cognitivo na dimensão sentimental que expressa uma forma de apreender, obter e atuar perante um estado emotivo a partir do vínculo de causa que o acontecimento sentimental produziu.

Borriello e Caruana (2003, p. 964) aclaram que o termo “sentimento” é:

Uma forma de acesso direto e imediato da pessoa à realidade: pré-refletidos e emocionalmente marcados, eles representam a relação da pessoa com o ambiente sob o aspecto de amabilidade ou desestabilidade, de prazer ou desagrado, de satisfação ou irritação por causa de alguma situação. Os sentimentos remetem a uma antropologia que não é pensável como fechada numa interioridade intangível, mas que, através do corpo, se revela aberta para o mundo e as coisas.

Ou seja, o “sentir” pode ser considerado como modelo de juízo, distinto do juízo construído no “pensamento”, na ideia de não ser elaborado na intenção de estabelecer uma relação conceitual, mas referenciado a poder definir entre uma aceitação ou rejeição, principalmente de caráter subjetivo.

Após o breve esclarecimento sobre a categoria “sentimento”, da sua essência e importância nas resoluções éticas, tanto individuais como sociais dos seres humanos, percebe-se a necessidade de conhecer e aprofundar a importância do sentimento de “ternura”.

A esse respeito Gayol (2006, p. 14) explica que:

Por esta razão começaremos iluminando a expressão escolhida com o título “Necessitamos ternura”, tratando clarificar em que sentido fala-se de “necessidade” e enquadrando a ternura dentro do grupo mais amplo das necessidades básicas [...] e como esta necessidade de ternura afeta as dimensões fundamentais constituintes da pessoa humana, tanto no âmbito individual como no social.

Com a finalidade do sentimento da ternura poder ser pensado como caminho e sentido para o bom viver social, deve ser relacionado à existência como experiência do “ser” e, não, do “ter”. Para Rocchetta (2006, p. 72), “o verbo ser, antes do que uma atitude de posse, exprime a experiência vital do eu, (eu sou) em diálogo com o outro, (sou contigo/para ti), e supõe uma atitude fundamentalmente altruísta, (eu tenho para dar)”.

Para Gayol (2006, p. 14), a importância de viver e experimentar o “sentimento de ternura” durante toda a vida humana não se entende como um simples conhecimento fútil em atos de brandura ou, talvez, ao modo de belos enfeites, porque é uma necessidade básica que faz parte do nosso desenvolvimento como seres individuais e sociais. Isso porque a ternura, no plano do sentimento, traduzida pela ordem da suavidade, é considerada como voz do coração, que se transmite pelo carinho, pelo afeto, pela compaixão e pela delicadeza. Nas aflições e nos momentos que são obscurecidos pela tristeza, tanto do presente como do passado, a ternura revela sua essencialidade desde o mais íntimo do nosso ser humano, aliviando-nos do sofrimento e das angústias que se manifestam no nosso dia a dia. É a voz do coração que, de forma afável, é impulsionada pelos sentimentos de ternura mais elevados da alma.

Rocchetta (2006, p. 9) faz uma importante distinção entre o sentimento da ternura e o sentimentalismo. Para esse autor, o sentimento da ternura é um sentimento de “suave comoção” e de “afeto doce e delicado”. Ao contrário, qualifica a afetação

como um “excesso de sentimentalismo”, de “fingimento” ou de “falsa ternura”. Enfim, o autor caracteriza a ternura como:

Força, sinal de maturidade e vigor interior, e desabrocha somente em um coração livre, capaz de ofertar e receber amor [-], um valor que assume sua espessura concreta no nosso ser, mas que se realiza plenamente, somente como experiência espiritual e acontecimento de graça: conteúdo humano, dimensão espiritual e graça constituem, com efeito, uma unidade no contexto de uma compreensão integral do sentimento da ternura em perspectiva cristã (ROCCHETTA, 2006, p. 9-10).

Numa linguagem poética e artística, poderíamos imaginar o sentimento de ternura semelhante a uma paisagem de um nascer do sol pairando sobre águas paradas de um grande lago, ou talvez, as diferentes manifestações da luz do sol, que durante o dia “sapeco” calorosamente a sua irmã terra até o delicado entardecer cálido de verão. É como se a ternura e a compaixão dialogassem entre a beleza e o encantamento, deslizando em brisa de sons sem tempo nem espaço, em total liberdade, até morrer no regaço da noite. O que seria da vida sem ternura, sem beleza, sem o silêncio do crepúsculo, ou sem o canto de ninar que acalma a natureza? Sim, nem o nada seria algo, porque o algo estaria morto para sempre.

Gayol (2006) nos convida a reflexão sobre a necessidade de “pensar com o coração”, ou seja, aprender a sentir pela ternura nos diferentes processos de “pensar” a existência, principalmente no contexto da nossa cultura ocidental, na qual se percebe a violência, a intolerância e a eficácia destrutiva, causando feridas profundas nos relacionamentos dos seres humanos entre si e em seus habitats. A autora também esclarece que

[...] ante esta realidade, a ternura se apresenta como solução curativa, como uma força equilibradora, uma linguagem que possibilita abrir o espírito humano a uma nova forma de relação consigo mesmo, com os outros, com o mundo, em um contexto de integração e inclusão de todo o criado (GAYOL, 2006, p. 14).

Torna-se importante entender que, quando perdemos a ternura na vida, perdemos a face e a expressão da vida no tempo da transcendência, desligando-nos de uma eternidade que nos espera de braços abertos para o sublime consolo. Em vista disso, considera-se significativo, na sociedade atual, a secularização do sagrado, pois torna pouco viável a explicitação da dimensão religiosa.

Para Rocchetta (2006, p. 68), a modalidade existencial do ser remete à ordem da qualidade, mais que à da quantidade: “qualidade de vida, qualidade das relações consigo mesmo, com o/os outros e com o Totalmente-Outro”. Portanto, pela ternura, poderia se contemplar a multiplicidade e pluralidade da própria natureza e, assim, em êxtase, suspirar na quietude de um coração que adormece a espera compassiva de um novo amanhecer.

Segundo Paiva (2004, p. 135), “outro componente pós-cristão, ao lado do espírito niilista, é a ideologia individualista que vem colocar o indivíduo no centro da

organização da sociedade”, o que significaria que o ser humano moderno resiste à compreensão de si a partir de alguma ordem exterior a ele, sobretudo Deus. Seu foco essencial de compreensão seria a razão. No individualismo, para Renault (1999, p. 30), o que aparece de essencial é o valor do indivíduo, que se centraliza dentro do sistema organizacional da sociedade. Ou seja, na sociedade pós-moderna, o que prevalecerá como razão absoluta é o indivíduo. Na perspectiva ética, isso significa que não necessitaria do outro para ser feliz. Busca o próprio prazer, desconsiderando o outro, até nas relações interpessoais.

4. Revolução da Ternura

Para Grabner-Haider (1975, p. 394-395), o conceito revolução pode ter quatro perspectivas. Na primeira perspectiva, a revolução é tida como transtorno radical político e social, conceito que referencia as grandes revoluções políticas, como a revolução Francesa e a da Rússia, cuja expressão intelectual se encontra nos teóricos marxistas e nas práticas atuais de guerras e guerrilhas. Numa segunda perspectiva, o conceito de revolução adquire seu sentido a partir do progresso técnico e científico, que resulta ser o conceito mais extenso. Refere-se ao processo contínuo da exploração tecnológica que é possibilitada pelo avanço das ciências e que, portanto, marca profundamente nossa civilização técnico-científica.

Num terceiro olhar sobre o conceito “revolução”, o autor define a revolução como uma rápida mudança social, que pode ser entendida sociologicamente, pois se refere de maneira geral às transformações a que uma sociedade pode ter chegado, muitas vezes por conflito social. E, por fim, para a quarta perspectiva do conceito “revolução”, Grabner-Haider (1975) define como evolução um amplo campo que se traduz pelo sentido político, social, cultural, técnico e jurídico e traz consigo a ideia de reforma. Ante esses conceitos, Grabner-Haider (1975, p. 397) dispõe que:

Uma tomada de posição teológica responsável frente a revolução deve partir dos resultados das ciências, que têm em conta o fenômeno histórico da revolução (sociologia, politologia, psicologia social, ciência do direito, etc.), especialmente desde a perspectiva da investigação de conflitos. Só assim se pode, por um lado, distinguir entre a percepção descritiva da situação e as afirmações ético-normativas e, por outro, fazer inteligível e operacional a especial contribuição dos cristãos ao problema da revolução, e traduzi-lo a concretas estratégias de ação. Desde estes pressupostos, resulta possível um juízo teológico positivo sobre a revolução.

Em função disso, deve-se considerar, como norma básica sobre qualquer outra norma, o amor, cuja configuração política será interpretada pela revalorização dos Direitos Humanos e as suas determinações. Então, todo apoio a um ato revolucionário, que tenha o veredito do amor, será justificado a partir dos princípios e fins políticos, dos meios, das consequências, efeitos e riscos, calculáveis na medida em que o amor é realizado.

Para Gayol (2006, p. 19), “Parece, pois, urgente a tarefa de uma nova revalorização e reimplantação teórico do tema do amor, em consonância com a

importante e transcendental função que se lhe atribui, das tantas e diversas perspectivas”. Para ser viável esse empreendimento, assinala-se, como elemento paradigmático-fundamental, o sentimento da ternura, pois é concebido como conceito inseparável do amor. Sem amor, não se faz presente a suavidade pelo afeto. A ternura sempre será aquela que conduz o amor, inclusive no aspecto de proteger ao débil, algumas vezes deixando de atender às necessidades próprias para atender ao outro. Assim, a ternura faz parte da linguagem amorosa traduzida pelo calor humano oferecido.

Pensar numa cultura da ternura em contraposição a uma anticultura da violência, faz-nos acreditar na “ternura” como força transformadora que gera novas formas de ser e de agir no mundo a partir dos princípios que cuidam e mantêm a existência humana. Esses são oferecidos pelo direito à vida a todos os seres humanos, mas que, pela anticultura, foram esquecidos ou velados. Nessa fase, a teologia cristã torna-se responsável por promover a mudança por meio dos princípios da verdadeira caridade, que inclui a solidariedade, a hospitalidade e a capacidade de cuidar do outro “diferente” de nós.

Dessa maneira, mostra-se ao mundo que a ternura, tão simples, pode ter tanta autoridade, um sentimento que, pela sua ação de ser, provoca ao mundo o exercício da gratuidade. A respeito disso, estima-se que a dor maior produzida pela violência humana não seja mais forte que a dor produzida pela ignorância de muitos que desconhecem a origem dessa potencialidade que habita o coração e o interior da pessoa. A conscientização de que o ser humano pode ser ternura por meio de todos os seus atos de vida o encorajaria a enfrentar e vencer todas as barreiras: naturais, socioeconômicas e culturais, em defesa da sua própria dignidade.

Para Rocchetta (2006, p. 36), a ternura representa:

Um dinamismo afetivo radicalmente integrado no complexo das qualidades racional-volitivas que estruturam o ser humano e faz parte de todo aquele mundo vital de pulsões fisiológicas e de predisposições psicossomáticas e relacionais que o constituem na sua subsistência única e inimitável. Somente neste quadro a ternura é recebida em uma ótica plenamente humana e humanizante; por sua parte, essa não se limita a acompanhar os atos das faculdades superiores, mas os colora com uma específica sensibilidade, transbordante de solicitude para a alteridade, revestindo as experiências singulares de uma “afeição” que revela aspectos novos e, muitas vezes, escondidos.

A teologia da ternura nos prepara para observar a imagem transcendente de um Deus Ternura que se abaixa e se curva sobre suas criaturas, deixando-se comover pela debilidade e fragilidade humana. Esse é um Deus que se revela de modo compassivo a partir de sua encarnação e da doação de sua vida pela cruz, expressando que o amor não tem limites e penetrando na história humana. Expressa um amor ternura que pode perdoar porque vê, pela transcendência do coração, a cidade triunfante da gloriosa eternidade, permitindo o “já agora” e “o ainda não” do amanhã. Rocchetta (2006, p. 259) nos apresenta alguns ícones evangélicos da ternura da seguinte forma:

Traços fundamentais da ternura são oferecidos pelas parábolas evangélicas que, como ícones narrativos, nos oferecem descrições sintéticas da

mensagem de Jesus. Cada um desses nos permite colher determinados aspectos da mesma. A título de exemplo nos detemos em três parábolas que são exclusivas do evangelho de Lucas, desde sempre qualificado como o “evangelho da misericórdia”: a parábola do bom samaritano (Lc 10,25-37), aquela do pai misericordioso e seus dois filhos (Lc 15,11-32) e a do fariseu e do publicano que sobem ao templo para orar (Lc 18,9-14). Três parábolas que, no seu conjunto, resumem os conteúdos fundamentais da ternura evangélica e do *ethos* do amor novo proclamado por Cristo.

Pensar na ternura como um grande projeto que pode revolucionar o mundo é perceber, na essencialidade desse sentimento, a capacidade de conduzir o amor com o intuito de transformar os corações endurecidos pelo egoísmo e a violência em corações que sentem a compaixão diante da vulnerabilidade, a dor e o sofrimento do ser humano.

5. Considerações Finais

É bom deixar claro que a teologia da ternura não se identifica com uma ideia, mais ou menos, romântica do mundo. Ao contrário, ela conduz o ser humano a fazer uma escolha de vida e a responsabilizar-se pela história que produz por meio do diálogo e do encontro junto aos outros, em todas as suas necessidades, independente do lugar cultural. Dessa maneira, a ternura é considerada, pelo estudo antropológico, segundo Rocchetta (2006, p. 30), como flexível, permeável, aberta de coração, disponível à mudança, constituindo o rosto concreto de uma grande afeição que se faz benevolente e afável. Talvez a humanidade possa considerar e fazer desses conceitos valorativos, que são fundamentais na ordem da sustentabilidade e do equilíbrio da existência humana, armamentos de paz. Então, haverá tréguas prolongadas de reconciliação, em que se discutirão harmoniosamente todos os temas que soam negativos no mundo contemporâneo, como: exclusão, falta de dignidade, exploração, falta de diálogo, supressão da liberdade, etc.; e como também outros temas que afligem o ser humano contemporâneo: o individualismo, o prazer, o desespero e a solidão, o egoísmo e a autossatisfação.

Evidentemente, não há uma cartilha com a solução desses problemas. Não é só com a ternura que se poderiam eliminar todos os problemas históricos. Contudo, a práxis da ternura considera-se como uma porta que se abre para a reflexão profunda, uma ponte que conduz ao íntimo do coração humano, despertando a consciência a uma nova visão de mundo, de humanidade.

Segundo Santana (2012), a humildade se torna elemento essencial para enfrentar os diferentes problemas de uma sociedade contemporânea:

Nem a Igreja possui o monopólio da interpretação da realidade social ou da apresentação de soluções para os problemas contemporâneos. Acho que este é o aspecto mais relevante porque, com esta atitude, o Papa está indicando que o caminho rumo ao destino que aguarda o ser humano deve se abrir constantemente aos acontecimentos e discernir a partir deles. A "*Evangelii Gaudium*" é um texto amplo, mas não no sentido de "extensão"; sua finalidade talvez seja precisamente esta: abrir uma porta para que a Igreja

Católica olhe para fora de si mesma e tenha mais certeza em sua amplitude de horizonte cultural que em sua extensão territorial de domínio. Dar um passo no sentido de uma “dinâmica de justiça e ternura, de contemplar e caminhar em direção aos outros”, porque assim "voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do carinho" (SANTANA, 2012, s/p).

O Papa Francisco, conforme Santana (2012), comunica alguns desafios que devem ser superados pela Igreja Católica, como: a falsa vaidade, o derrotismo, o pessimismo e a mundanidade. O Papa atual assinala preferir uma “Igreja ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (SANTANA, 2012, s/p). Desse modo, propõe uma Igreja que se encontre e que se envolva com a humanidade no dia a dia, sem medo e com muita paciência, participando dos frutos de uma nova vida. Rocchetta (2006, p. 331) observa que “a vocação e missão salvífica da Igreja emana totalmente da cruz. E, que a identidade da comunidade eclesial reside essencialmente no ser o sacramento da Trindade da história”.

Referências

- BORRIELLO, E.; CARUANA, E. *Dicionário de Mística*. São Paulo: Paulus: Loyola, 2003.
- BUSATO, A. C. Compreendendo o ser humano. *Studium: revista teológica*, Curitiba, ano 7, n. 14, p. 43-70, 2014. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/59760465-Studium-theologicum-de-curitiba-studium-revista-teologica.html>>. Acesso em: nov. 2019.
- DAMASIO, A. *O Mistério da Consciência: do corpo e das emoções do conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. Tradução de Maria Isaura Pereira Queiroz. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.
- EDUCRIS. Papa Francisco: "*Revolução da ternura*" e "*humildade*". Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da fé. Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2017. Disponível em: <<http://www.educris.com/v3/326-vaticano/6858-papa-francisco-revolucao-da-ternura-e-humildade>>. Acesso em: 27 mar. 2018.
- FORTE, B. *À escuta do outro: filosofia e revelação*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- GALIMBERTI, U. *Dicionário de Psicologia*. São Paulo: Loyola, 2010.
- GAYOL, M. N. (ed.). *Um Espacio Para La Ternura: Miradas desde la Teologia*. Madrid: Universidade de Comillas. 2006.
- GRABNER-HAIDER, A. *La Biblia y Nuestro Lenguaje*. Barcelona: Herder, 1975.
- KONRAD, L. *Os oito pecados mortais do homem civilizado*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- LALANDE, A. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LÉVINAS, E. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980. (Biblioteca de Filosofia Contemporânea, 5).
- OFS. *Mudamos o mundo com a revolução da ternura*. Ordem Franciscana Secular do Brasil, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.ofs.org.br/noticias/item/1099-mudamos-o-mundo-com-a-revolucao-da-ternura>>. Acesso em: 27 mar. 2018.
- PAIVA, J, G.; ZANGARI, W. *A Representação Na Religião: perspectivas Psicológicas*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

- PINTO, E. B. Reflexões sobre solidariedade, educação e postura de vida. In: HOLANDA, A. F. (org.). *Psicologia, religiosidade e fenomenologia*. Campinas: Alínea, 2004. p. 147-162.
- PROST, A.. *Doze lições sobre a história*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (História & historiografia, 2).
- RENAULT, A. *O indivíduo: reflexão acerca da filosofia do sujeito*. São Paulo: Difel Brasil, 1998.
- ROCCHETTA, C. *Teologia da Ternura: um “Evangelho” a descobrir*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- ROGERS, C. R. *Um Jeito de Ser*. São Paulo: E.P.U., 1983.
- ROF, J. *Fronteras vivas del Psicoanalysis*. Madrid: Karpos, 1975.
- SANTANA, R. *Reflexões sobre a “Evangelii Gaudium”*: a revolução da ternura. Diocese de Campo Mourão, Campo Mourão. Disponível em: <<http://www.diocesecampomourao.com.br/colunista/coluna/25/143/reflexoes-sobre-a-evangelii-gaudium.html>>. Acesso em: 27 mar. 2018.